



**ARMADILHAS DISSEMINADORAS DE LARVICIDA PARA CONTROLE DE
Aedes aegypti NA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA UFGD-UEMS, DOURADOS-MS.**

FERREIRA, Bruna dos Santos¹ (bruna_dossantos97@yahoo.com), ALMEIDA, Pedro Henrique Freitas² (ph4300019@gmail.com), SALOMONI, Saul Lucas¹ (sauullucas2008@hotmail.com), DOS PASSOS, Ricardo Augusto³ (ricardopassos@ufgd.edu.br)

¹Discente do curso de Ciências Biológicas - Bacharelado da UFGD – Dourados.

²Bolsista do PIBIC-EM UFGD-CNPq, cursando 3º ano do ensino médio.

³Docente do Programa de Pós-Graduação em Entomologia e Conservação da Biodiversidade da UFGD – Dourados.

O mosquito *Aedes aegypti* é o principal transmissor dos vírus Dengue, Chikungunya e Zika e a principal estratégia de controle é focada na eliminação dos criadouros, mas, muitos não são eliminados e acabam por manter a população do vetor em níveis elevados. O uso de inseticidas é uma ferramenta importante, porém, tem disseminado resistência aos inseticidas convencionais. A estratégia de disseminação de larvicidas é usada para atrair as fêmeas do *Aedes* até pequenos recipientes impregnados com piriproxyfem, chamados de “estações de disseminação”, onde as micropartículas do larvicida em pó aderem ao corpo do mosquito e são levadas por ele até os outros criadouros, em um raio aproximado de 400m. Quando as fêmeas pousam nos depósitos para colocar seus ovos, ocorre a contaminação da água e, assim, passa a ser letal para as larvas, que morrem antes de chegarem à fase adulta. Este estudo piloto teve por objetivo avaliar a metodologia de disseminação do larvicidas piriproxyfem pelo *Ae. aegypti* como ferramenta de controle do vetor na cidade universitária da UFGD-UEMS. Foi realizado um estudo experimental com delineamento amostral no pré e pós tratamento. Monitoramos 20 armadilhas de ovos por seis semanas, com a retirada semanal de ovos, para determinar o nível de infestação antes e depois. Distribuímos 30 armadilhas disseminadoras que permaneceram por oito semanas. As estações de disseminação foram confeccionadas utilizando um recipiente de plástico e um pedaço de pano, e 5g de pyriproxyfem em pó diluído em água para impregnar o tecido. Para a análise dos dados utilizamos a técnica de Kernel para avaliar a distribuição espacial da infestação e elaborar mapas temáticos e aplicamos o teste t pareado para analisar as diferenças no número de ovos coletados antes e depois do tratamento e entre as semanas. Foi coletado um total de 16.739 ovos, sendo 50,6% no pré (PRE) e 49,4% no pós-tratamento (POS) com uma positividade média das armadilhas (IPO) de 78,3% (33-100%) no PRE e 70,1% (25-100%) no POS entre os locais e, de 77,5% (60-95%) no PRE e 80% (55-100%) no POS entre as semanas. Considerando os índices de infestação (IDO e IDV), 70% dos locais foram considerados de risco. Quando comparado o número médio de ovos coletados no PRE e no POS, obtivemos um $t = 0,14$; $gl = 19$; $p = 0,89$, ou seja, em média o número de ovos não foi afetado pelo tratamento, no entanto, quando analisamos os dados por semana, observamos o início do efeito do larvicidas nas duas últimas semanas de monitoramento. Observamos que alguns fatores, como a rápida evaporação da água e a remoção das armadilhas podem ter influenciado os resultados. Concluímos que o tratamento não foi eficaz após dois meses de disseminação, pois, não houve redução da infestação.

Palavras-chave: mosquitos, piriproxyfem, vigilância entomológica.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de iniciação científica pelo PIBIC-EM ao segundo autor.